

DISTINTAS POSSIBILIDADES PARA O USO DA ANÁLISE TEMÁTICA

Silvia Sobreira¹
Andréa Rosana Fetzner²
Felipe Ribeiro³
Clayton Vetromilla⁴

Resumo: Neste texto, comentam-se pesquisas que realizaram os procedimentos da Análise Temática (AT) com o objetivo de trazer maior compreensão sobre como esse tipo de método pode ser levado a cabo. O que impulsionou a produção deste artigo foi a necessidade de trazer exemplos concretos para pesquisadores não habituados com esse método. Toma-se como ponto de partida o texto de Victoria Braun e Virginia Clarke para apresentar a abordagem. As pesquisas aqui apresentadas foram escolhidas por terem sido mencionadas pelas pesquisadoras, em seu artigo de 2006, como exemplos próximos à sua proposta. O artigo se justifica pelo fato de as pesquisas aqui trazidas serem pouco disseminadas no Brasil e exemplificarem, de forma concreta, a variedade de assuntos e formas como a AT pode ser utilizada.

Palavras-chave: Metodologia da pesquisa; Análise de dados; Pesquisa qualitativa; Análise Temática.

DISTINCT POSSIBILITIES FOR THE USE OF THEMATIC ANALYSIS

Abstract: This text comments on research that used Thematic Analysis (TA) procedures in order to bring greater understanding about how this type of method can be carried out. The need to bring concrete examples to researchers unaccustomed to this methodology prompted the production of this article. We took Victoria Braun and Virginia Clarke's text as a starting point to introduce the approach. The researches shown here was chosen because they were mentioned by the authors, in their 2006 article, as examples close to their proposal. The paper is warranted by the fact that the discussed researches are not widespread in Brazil and provide a concrete example of the variety of issues and ways in which TA can be used.

Keywords: Research methodology; Data analysis; Qualitative research; Thematic Analysis.

Introdução

Existem muitas formas de se realizar a análise temática (AT). No entanto, desde que foi publicado, o texto de Virginia Braun e Victoria Clarke (2006a) traz uma proposta específica para essa abordagem, e tem sido muito comentado academicamente, vindo a ser o artigo mais

¹ Professora do curso de Licenciatura e da Pós-Graduação em Música da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/ UNIRIO, coordenadora do Projeto PIBID, área de música e coordenadora do Mestrado em Música, na UNIRIO. Desenvolve experiências com adultos desafinados. silvia.sobreira@unirio.br.

² Professora associada da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/Unirio. Orienta pesquisas principalmente nos seguintes temas: ciclos de formação, metodologias de planejamento dialógico, currículo e interculturalidade, planejamento escolar e avaliação emancipatória. andrea.fetzner@unirio.br.

³ Professor do Departamento de Métodos Quantitativos, do Centro de Ciências Exatas e Tecnologia-CCET, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/ UNIRIO. Tem experiência nas áreas de Estatística e Probabilidade, com ênfase em Análise de Dados, Avaliação institucional e Processos Markovianos. felipe.ribeiro@uniriotec.br

⁴ Professor no Instituto Villa-Lobos da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/ UNIRIO, como intérprete e pesquisador, desenvolve trabalhos principalmente em relação às obras de César Guerra-Peixe e a música brasileira para violão dos anos 1970.

citado no Google Scholar relativo ao ano de 2006 (Clarke, 2017, 1'47"). Esse imenso sucesso levou as autoras a fazerem palestras sobre o assunto, algumas das quais estão disponíveis no YouTube (Clarke, 2017, 2018) Contudo, mesmo que as pesquisadoras tenham explicitado as fases a serem cumpridas e os erros mais frequentes, elas reconhecem o mal uso dessa ferramenta mesmo depois de anos após a publicação daquele artigo (Clarke; Braun, 2018). Além disso, é comum que o pesquisador tenha dúvidas quanto ao modo de proceder e como ter certeza quanto à validade da análise por ele realizada. Por esse motivo, escolheu-se detalhar as pesquisas mencionadas no texto de 2006 das referidas autoras e que foram consideradas análises pertinentes. Neste texto, não se pretende apresentar uma revisão bibliográfica, embora tenha características desse tipo de estudo.

O propósito, ao se trazerem, com maiores detalhes, algumas pesquisas mencionadas por Braun e Clarke (2006a), é oportunizar que o pesquisador iniciante na AT compreenda o método e suas possibilidades, o que permitirá que ele possa fazer escolhas que sejam mais adequadas nas suas análises. Concordamos com Braun e Clarke (2006a. p. 98) a respeito da necessidade de democratizar os métodos qualitativos, tornando-os mais compreensíveis para pesquisadores menos experientes. As autoras mencionam que a AT pode se configurar como um obstáculo para o pesquisador qualitativo iniciante, pois a sua reputação como método acessível poderia levar ao erro de se conduzir uma AT sem localizá-la teoricamente (Braun; Clarke, 2021, p. 3).

As pesquisas escolhidas para serem aqui apresentadas tratam de temáticas variadas, como o hábito dos homens em se vestir (Frith; Gleeson, 2004); a percepção de mulheres diagnosticadas com a Síndrome do Ovário Policístico (SOP) sobre sua condição (Kitzinger; Willmott, 2002); os conceitos implícitos na prática da depilação (Toerien; Wilsinson, 2004); e a análise dos argumentos usados durante o processo legal, ocorrido no parlamento inglês, relativo à diminuição da idade de consentimento para os atos sexuais realizados entre homens (Ellis; Kitznger, 2002).

Algumas considerações sobre a proposta de Braun e Clarke

Em geral, a AT é muito difundida nas áreas da Psicologia e da Saúde, embora se acreditemos neste trabalho que, devido à versatilidade do método, ele possa ser usado em pesquisas de outras áreas, principalmente na da Educação, ponto de vista corroborado por outros pesquisadores (Rosa; Mackedanz, 2021).

Além disso, “A análise temática é um método para identificar, analisar e reportar padrões (temas) nos dados” (Braun; Clarke, 2006, p. 79, tradução nossa). Para realizar a AT,

Braun e Clarke (2006, p. 87) sugerem 6 (seis) fases a serem seguidas, quais sejam: 1) a familiarização com os dados; 2) a codificação, que envolve a transcrição e a análise sistemática de todo o conjunto de dados, agrupando-os em códigos; 3) a busca pelos temas, que é quando se agrupa os códigos em temas potenciais; 4) a revisão dos temas, quando alguns temas podem deixar de existir, um tema ser partido em dois ou mesmo surgirem novos temas; 5) a definição do nome dos temas; e 6) a produção da escrita. O detalhamento de cada uma dessas fases pode ser encontrado no texto original das autoras (Braun; Clarke, 2006a; 2006b).

Para quem desconhece a proposta das pesquisadoras e não domina o inglês, já existe a sua tradução para o português (Braun; Clarke, 2006b). Souza (2019) também apresenta e discute a proposta de AT apresentada por Braun e Clarke. Destacamos ainda, o artigo de Rosa e Mackedanz (2021), no qual os autores exemplificam o uso da AT a partir de uma pesquisa realizada no Brasil com 16 (dezesesseis) professores de Ciências nas séries finais do Ensino Fundamental. Além disso, antes de introduzir a AT, também segundo os princípios de Braun e Clarke (2006a), os autores apresentam outras metodologias comumente usadas em abordagens qualitativas, como a Análise de Conteúdo, a Análise do Discurso, a Análise Hermenêutico-Fenomenológica e a Análise Hermenêutico-Dialética. Desta maneira, o pesquisador pode ter uma visão mais geral de outros procedimentos metodológicos, comparando-os com a AT.

Em palestra disponibilizada no YouTube, Victoria Clarke explica que, embora se acredite que a AT seja uma abordagem única, ela deveria ser pensada mais como sendo um termo “guarda-chuva” que inclui vários tipos de abordagens diferentes entre si, tanto em termos de procedimentos quanto em termos de filosofias subjacentes. Clarke alega que ela e Virginia Braun pararam de contar quando chegaram em 30 (trinta) tipos de AT (Clarke, 2017, 11'09"-11'31"). Por esse motivo, a pesquisadora e psicóloga assume que a proposta que ela e Virginia Braun apresentam, e que chamam de reflexiva, pode não ser aceita por outros pesquisadores que usem outros tipos de AT (Clarke, 2017, 4'26"-5'14").

Rastreado a origem do termo, Clarke (2017) informa que ele foi encontrado, sendo usado por musicólogos por volta de 1930, na análise de partituras, e nos anos 1940, por sociólogos que analisavam propagandas de massas. Entre as décadas de 1930 e 1950, o procedimento também era usual entre psicoterapeutas. Entre as décadas de 1980 e 1990, por sua vez, o uso da AT passou a aparecer com frequência em artigos acadêmicos (Clarke, 2017, 8'59"-9'05"), embora sem detalhar o tipo de procedimento utilizado. E isso foi o que motivou Clarke e Braun a escreverem o artigo de 2006, explicitando uma maneira de realizar os procedimentos.

VARIA

De todo modo, o termo vem sendo utilizado em diversas áreas, com distintos propósitos, mas sempre significando a busca por padrões e significados em determinado conjunto de informações (Clarke, 2017, 6'15"-6'50"). Clarke presume que a AT tem uma trajetória que parte de um contexto de pesquisas quantitativas, em que se buscavam temas em um conjunto de dados, mas veio evoluindo no domínio das pesquisas qualitativas juntamente com a Análise de Conteúdo, que, a seu ver, são termos diferentes para abordagens similares ou que, ao menos, compartilham uma trajetória paralela (Clarke, 2017, 7'48"-8'08").

Para dar apenas um exemplo dessa controvérsia, recorreremos à visão de Laurence Bardin (2016). Em obra publicada originalmente em 1997, explicitando os princípios da Análise de Conteúdo, a referida autora indica a análise temática como um dos procedimentos possíveis dentro da Análise de Conteúdo. Para Bardin (2016, p. 77), a análise temática seria a “contagem de um ou vários temas ou itens de significação, numa unidade de codificação previamente identificada [...]”. Nesta perspectiva, o tema é “uma unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto analisado segundo critérios relativos à teoria que serve de guia à leitura” (Bardin, 2016, p. 135). Por outro lado, para Clarke e Braun (2006a), o tema não é uma unidade a ser encontrada e identificada nos dados, mas construído pelo pesquisador, a partir do seu sistema de codificação.

Segundo o que Clarke e Braun (2018, p. 108) explicam, os temas não podem ser apresentados como meros resumos de opiniões coletadas nos dados sobre determinado assunto, sem uma explicação ou sentido a respeito dos padrões que os ligam. Cada tema, portanto, deve ter um conceito central organizador, sendo uma construção ativa. Por isso, Clarke e Braun (2018) insistem tanto que se deva evitar o uso de frases como “os temas emergiram”, pois a utilização de expressões como essa desmerece o trabalho analítico do pesquisador e dá a falsa impressão de que o tema estava pronto, só cabendo ao pesquisador descobrir onde estava. A análise dos temas deve mostrar aquilo que é compartilhado como também o que é divergente ou contrastante no conjunto dos dados, e isso é bem diferente de apenas trazer os resumos das opiniões coletadas. Nos termos das autoras:

Na nossa abordagem da AT, seria útil pensar os temas como os personagens centrais de uma história que estamos contando sobre os dados (em vez de potes de coleta onde vamos colocando tudo o que foi dito sobre um determinado assunto específico). Cada tema tem uma “essência” ou conceito central que sustenta e une as observações, muito parecido com os personagens terem suas próprias construções psicológicas e motivações (Clarke; Braun, 2018, p. 108, tradução nossa).

VARIA

Para as autoras, há 2 (duas) maneiras de apresentar os dados, a saber: o balde e o livro de histórias (Clarke, 2012, 13'12"). Na análise tipo balde, para apresentar o tema, o pesquisador apenas resume tudo o que os participantes disseram sobre determinado assunto. Em geral, pega-se apenas a superfície do significado, e isso é reportado como um tema, sem um trabalho analítico sobre os dados. O pesquisador não analisa os padrões ou conceitos subjacentes ao que foi dito. Elas veem nisso apenas um tema que não foi bem desenvolvido (Clarke, 2017, 18'20"-18'42").

Na análise tipo livro de história, os temas são mais interpretativos e criativos. Eles contam uma história sobre os dados, e essa história reflete as lentes interpretativas do pesquisador (Clarke, 2017, 14'43"). Nessa forma de determinar o tema, existe uma ideia ou conceito central que lhe dá unidade. O pesquisador percebe um padrão de significado compartilhado nos dados. O tema sempre captura o significado que está abaixo da superfície (Clarke, 2017, 22'30"-23'27"). Ou seja, o pesquisador conjuga dados que aparentemente são e os trata de forma interpretativa, encontrando o padrão que é comum e que irá caracterizar um tema. Neste caso, o tema ajudará a compreender os dados e surge dos dados que o pesquisador colocou em códigos. Clarke, Braun e Clarke (2006a, p. 85-86) afirmam que os piores exemplos da AT foram realizados dessa maneira. Além disso, o tema é como se fosse uma carta de apresentação para a história a ser contada; logo, também é importante que o seu nome não seja representado por uma única palavra (Clarke, 2017, 18').

Os temas devem surgir depois de se codificarem os dados e se encontrarem os padrões compartilhados nesses dados. É difícil encontrar os temas logo no início do processo, pois isso envolve o pensamento crítico, interpretativo e engajado do pesquisador (Clarke, 2017, 28'-28'45").

Ainda com o intuito de contextualizar o leitor a respeito dos critérios apontados por Clarke e Braun (2018) para avaliar uma pesquisa, voltamos a alguns pontos ressaltados pelas pesquisadoras. Em primeiro lugar, é preciso salientar que elas assumem que a proposta delas é qualitativa, e que isso implica a ideia de que as técnicas utilizadas estejam sustentadas em paradigmas qualitativos que coloquem a subjetividade do pesquisador como recurso, e não como problema (Clarke; Braun, 2018, p. 107). As pesquisadoras rejeitam e criticam os valores positivistas e pós-positivistas. Elas argumentam que essa proposta reflexiva “ênfatisa a inevitável subjetividade na análise e o papel ativo do pesquisador em codificar e gerar os temas (Clarke; Braun, 2021, p. 13).

Clarke (2017, 46'43"- 48'43") afirma que o que distingue a abordagem dela e de Braun de outros tipos é que, na proposta delas, a AT é um método, e não uma metodologia. Então,

abordagens como a Teoria Fundamentada, a Análise Interpretativa Fenomenológica ou a Análise Narrativa dos Discursos são metodologias informadas a partir de teorias que sustentam a pesquisa e que delimitam o tipo de perguntas a serem feitas, o tipo de dados a serem coletados e até a condução do estudo. Isso não quer dizer que na AT ocorra na ausência de uma teoria, pois ela deverá ser construída pelo pesquisador dentro da sua perspectiva epistemológica. Ou seja, a abordagem não é a-teórica, mas teoricamente flexível, podendo ser contextualista, crítica, construcionista, pós-estruturalista etc.

Contudo, a AT não pode ser usada para responder a perguntas ligadas a questões linguísticas, como na Análise do Discurso, mas pode ser usada para se buscar compreender questões referentes às experiências vividas; ao ponto de vista das pessoas a respeito de determinado assunto; aos fatos que influenciam, sustentam ou contextualizam um fenômeno em particular ou para questionar padrões de significados (Clarke, 2017, 52'20"-53'04").

Os dados podem ser coletados a partir de entrevistas, grupos focais, diários, métodos visuais, ou de fontes secundárias, como em dados obtidos em fóruns *online*, *blogs*, *websites*, revistas, artigos de jornais, relatórios policiais etc (Clarke, 2017, 53'04"-54'25"). Clarke (2017, 57'-57'56") explicita a importância de que esteja claro para o pesquisador o seu conhecimento a respeito do que é necessário para uma pesquisa qualitativa: a compreensão das bases filosóficas do estudo e a clareza a respeito dos pressupostos que alicerçam os procedimentos e as ideias. A pesquisadora ainda afirma que, na sua proposta de AT, há sempre uma orientação que busca a justiça social, seja dando voz a grupos marginalizados ou realizando a escolha de uma agenda mais ampla de proposta de mudança ou de crítica social (Clarke, 2017, 39'49"-40'33").

Após essas breves considerações, passamos a apresentar as pesquisas que, segundo o que as referidas autoras consideram, preenchem os critérios essenciais em uma análise.

A pesquisa de Hannah Frith e Kate Gleeson (2004) sobre o hábito de se vestir dos homens

Argumentando que a maior parte dos estudos sobre o hábito masculino de se vestir e escolher roupas seja realizado acompanhado por mulheres, Frith e Gleeson (2004) fizeram uma pesquisa, no Reino Unido, para compreender as maneiras como os sentimentos subjetivos dos homens a respeito dos seus corpos afetavam suas escolhas de vestuário. As autoras constroem os argumentos para justificar sua investigação, mostrando que há muitas pesquisas com mulheres, mas também pesquisas que indicam que os homens são menos interessados em assuntos ligados a roupas; que gastam menos dinheiro com vestuário; que são menos envolvidos

VARIA

em sair para comprar roupas; que as mulheres é quem compram roupas para homens etc. Por outro lado, elas também trazem estudos sobre cirurgias plásticas; uso de anabolizantes ou do esforço para construir um corpo, por exemplo, que mostram o quanto os homens estão insatisfeitos com sua imagem corporal e preocupados em seguir um ideal cultural. As autoras apresentam uma robusta revisão de literatura para mostrar como esse assunto vem sendo tratado nas pesquisas e as lacunas que elas pretendem preencher com o estudo específico delas, ao unificarem 2 (duas) áreas de estudos: a prática de se vestir e a imagem corporal. A partir da constatação da necessidade crescente que os homens têm em se preocupar em manter uma aparência ideal, as autoras decidiram empreender o estudo que busca detectar como os homens escolhem seu vestuário para gerenciar sua imagem corporal.

Os participantes foram recrutados entre alunos de graduação de um curso de Psicologia e receberam uma remuneração para participarem do estudo. Foi usada a estratégia “bola de neve” para chegar a um número maior de participantes: cada estudante convidaria mais 2 (dois) conhecidos para participarem) da pesquisa. A coleta de dados foi feita por meio de um formulário, respondido por escrito por 75 (setenta e cinco) homens, entre 15 (quinze) e 67 (sessenta e sete) anos de idade. A maioria dos participantes era de estudantes universitários, entre 17 (dezessete) e 26 (vinte e seis) anos. Além do formulário, os participantes receberam um prospecto com informações sobre a pesquisa, sobre a natureza de sua participação, além de informações sobre como os dados seriam usados e analisados. Como a questão da imagem corporal pode ser um tema sensível, foram oferecidos detalhes sobre serviços de acompanhamento social, caso algum participante se sentisse desconfortável e precisasse de apoio. Eles também receberam o termo de consentimento, equivalente ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), no Brasil, e um formulário demográfico.

Foram feitas estas 4 (quatro) perguntas:

O quanto a maneira como você se sente a respeito do seu corpo influencia os tipos de roupa que você compra ou usa?
Você se veste de um modo que esconde aspectos do seu corpo?
Você se veste de um modo que enfatiza aspectos do seu corpo?
Tem algo a mais que você pense que nós deveríamos saber ou existe alguma questão que deveríamos ter feito e que não foi feita? (Frith; Gleeson, 2004, p. 42, tradução nossa⁵).

⁵ Do original em inglês: “How much does the way you feel about your body influence the kinds of clothing you buy or wear? Do you dress in a way that hides aspects of your body? Do you dress in a way that emphasizes aspects of your body? Is there anything else you think we should know, or are there any questions we should have asked but didn’t?”.

Frith e Gleeson (2004) descrevem que usaram os procedimentos da AT indutiva, ou seja, em vez de partirem de determinada teoria, procuraram criar sentidos a partir dos dados coletados. Para isso, primeiramente, as respostas foram lidas com cuidado para se identificarem os trechos representativos e relevantes em relação à pesquisa. Depois, as unidades que tratavam de um mesmo assunto foram agrupadas em categorias analíticas, com nomes provisórios. Nessa fase, uma mesma unidade podia ser agrupada em mais de uma categoria analítica. A seguir, os dados foram revistos para que fosse assegurado que os nomes das categorias, suas definições e conjunto de dados pertencente a cada categoria tivessem sido identificados. As autoras reconheceram 50 (cinquenta) categorias, que foram agrupadas em 4 (quatro) temas, reportando que 86,6% (oitenta e seis vírgula seis por cento) dos dados foram inseridos, ao menos, em uma categoria. Para testar a coerência das escolhas, os resultados da primeira questão foram recodificados por outro pesquisador, que encontrou resultados bastante similares.

Os 4 (quatro) temas gerados foram: homens valorizam a praticidade; homens não deveriam se importar com sua aparência; roupas são utilizadas para realçar ou esconder certos aspectos do corpo; roupas são usadas para se ajustar ao padrão cultural (Frith; Gleeson, 2004, p. 43-44, tradução nossa⁶). Além desses temas, as autoras também indicaram, relacionados a um tema denominado “Miscelânea”, códigos que não puderam ser enquadrados em nenhum tema.

O quadro com os 4 (quatro) temas finais foi apresentado no anexo do trabalho das autoras. No texto, cada tema foi discutido detalhadamente, colocando o número de respostas que se encaixavam em determinadas categorias entre chaves, como: “poucos homens argumentaram que a forma física não importa [9]; um número maior declarou que a forma física era irrelevante [30] [...]” (Frith; Gleeson, 2004, p. 44, tradução nossa⁷). Além desses breves resumos, sempre comentados, apenas no caso do primeiro tema não foram apresentados extratos das respostas ao questionário. Em relação aos demais temas, foram trazidos entre 1 (um) e 3 (três) pequenos trechos, ilustrando a análise realizada.

Frith e Gleeson (2004) acreditam que seus dados apontam para questões que podem interessar aos psicólogos que estudam a imagem corporal, que, em geral, é conceitualizada como algo interno, uma “essência”. Contudo, as respostas obtidas sugerem que essa imagem é fluida e sempre negociada e que, para os homens entrevistados, ter ou não ter músculos ou estar

⁶ Do original em inglês: “Men Value Practicality; Men Should Not Care How They Look; Clothes Are Used to Conceal or Reveal; Clothes Are Used to Fit a Cultural Ideal.”

⁷ Do original em inglês: “Few men argued that body shape does matter [9]; many more argued that the shape of their body is irrelevant [30] [...]”.

VARIA

acima ou abaixo do peso tem um importante papel na escolha das roupas que serão vestidas. Contrariando a ideia corrente a respeito do que os homens pensam sobre se vestir, as pesquisadoras concluíram que homens utilizam roupas para influenciar sua aparência física e se adaptar aos padrões de beleza, apesar de estes acreditarem que devem expressar desinteresse quanto ao seu vestuário. Elas ainda assumem que a amostra dos homens pesquisados é assimétrica, pois eram em sua maioria jovens, e a pesquisa não pode revelar a influência de outros aspectos como raça, classe e orientação sexual, ou seja, elas mostram as limitações da própria pesquisa, algo louvável de ser considerado, em qualquer estudo.

Em suma, antes de fazer a análise, as autoras apresentaram vários estudos que mostram o que homens pensam sobre seus corpos. Além disso, trouxeram dados para comprovar que a maior parte das pesquisas relacionadas ao hábito de se vestir é realizada com mulheres. Elas partiram de uma ideia muito difundida no senso comum (homens não se importam com roupas) para mostrar como os dados coletados contradiziam esse consenso e como os hábitos de escolhas de vestimentas está relacionado à autopercepção corporal masculina.

A pesquisa de Celia Kitzinger e Jo Willmott (2002) sobre a Síndrome do Ovário Policístico (SOP)

Nessa pesquisa, 30 (trinta) mulheres que sofrem de SOP relataram suas experiências, vivendo com essa condição. Previamente, foi realizado um estudo piloto com 2 (duas) mulheres para atestar a adequação dos procedimentos. As mulheres entrevistadas foram contatadas por meio de cartas com o convite para a entrevista e receberam acesso prévio ao estudo completo. Os endereços foram obtidos junto a uma instituição nacional de cuidados a pessoas com essa síndrome. As entrevistas foram conduzidas por uma das autoras, Jo Willmott, que dividiu sua vivência de SOP com as participantes do estudo, todas entrevistadas individualmente. As autoras chamam a atenção para o fato de que mais da metade das mulheres, a saber, (17/30 (dezessete)), nunca havia tido contato com outra mulher que sofria de SOP.

Os dados obtidos pelas entrevistas semiestruturadas foram transcritos, e a análise foi feita, organizando-se seções de dados em temas recorrentes. Devido à estrutura das entrevistas, as pesquisadoras não julgaram apropriado quantificar os dados, preferindo dar nomes para os temas a partir da análise geral das respostas. Elas esclarecem que preferiram não especificar quantas mulheres sentiram determinados sintomas, pois, se esse fosse o propósito, uma simples *check-list* poderia resolver este assunto. Ao contrário, elas preferiram compreender

VARIA

qualitativamente como as mulheres se sentiam, convivendo com essa síndrome. Após a transcrição das entrevistas, os temas foram agrupados em seções.

Na análise apresentada por Kitzinger e Willmott (2002), para ilustrar cada tema, foram apresentadas algumas citações. As autoras chamam a atenção para o fato de terem realizado uma análise temática diferenciada da análise discursiva, pois consideraram as falas das mulheres como evidências das experiências delas, ao invés de tratar o discurso delas como uma autobiografia interpretativa. Essa maneira de analisar difere da pesquisa comentada anteriormente, pois Frith e Gleeson (2004), embora não estivessem em busca de conteúdos latentes, comentam que alguns entrevistados, apesar de expressarem que eram indiferentes à questão do vestuário, demonstraram, em outras respostas, que tinham preocupações em usar roupas para esconder ou revelar imperfeições ou aspectos positivos de seus corpos.

O resultado da pesquisa evidenciou que as mulheres pesquisadas sofriam vários sintomas dentre os que foram identificados na literatura sobre SOP, sendo o mais comum a menstruação irregular ou interrompida, seguido de perto por crescimento excessivo de pelos. Abortos e infertilidade eram ou continuavam a ser problemáticos para um grande número das entrevistadas, assim como também ganho de peso e acne. Muitas mulheres falaram da frustração e raiva que sentiam com atrasos no seu diagnóstico e da falta de informações fornecidas pelos profissionais da saúde. Por isso, elas interpretaram o fato de seus sintomas não terem sido levados a sério como uma postura de má vontade por parte dos médicos.

A principal conclusão do estudo é um sentimento repetido em todas as entrevistas: o fato de as mulheres se sentirem como aberrações⁸. As participantes do estudo descrevem “mulheres adequadas” como aquelas livres de pelos faciais e corporais, menstruando regularmente e tendo a capacidade de ter filhos, enquanto seus corpos peludos, irregulares e possivelmente inférteis as marcam como aberrações.

A palavra aberração foi usada nos relatos das mulheres entrevistadas para indicar que elas se sentiam diferentes, fora do padrão normal de feminilidade. Quase todas as mulheres falaram sobre se sentirem “anormais” e “pouco femininas⁹”, “estranhas e diferentes” de uma maneira ou outra. Os 3 (três) temas nomeados pelas autoras foram: “Mulheres barbadas e monstros peludos” (reportando o incômodo com pelos faciais ou corporais); “Mulheres Irregulares” (no qual estavam incluídas as queixas a respeito de menstruações irregulares ou

⁸ O termo *freak* é utilizado pelas autoras para qualificar algo fora do comum, anormal ou sobrenatural. No contexto em questão, ele é utilizado para demonstrar que as mulheres entrevistadas sentem que falharam em se conformar à norma da feminilidade.

⁹ As pesquisadoras usam a palavra “*unwomanly*”, que, traduzindo-se, literalmente, seria “não femininas”.

interrompidas; e “Infertilidade: todo o meu propósito de ser mulher desapareceu”. A extensão deste último nome dado ao tema já dá o indício dos sentimentos envolvidos.

Um fato curioso é que as pesquisadoras apontam para a ideia de que o termo “aberração” permeia todos os temas. Compreende-se, neste artigo, que esta poderia ser uma análise monotemática, que se desdobraria em 3 (três) subtemas. O que nos leva a pensar assim é a própria definição posterior de Braun e Clarke (2006a, p. 94), que argumentam que os temas da AT devem “contar uma história”. A nosso ver, a história que percebemos no estudo dessas autoras é o sentimento onipresente de “aberração”, que se desdobra em diferentes facetas das vidas das mulheres pesquisadas.

Kitzinger e Willmott concluem que mulheres com SOP questionam a sua autopercepção enquanto mulheres e femininas, mas as pesquisadoras chamam a atenção para o fato de que tanto as teorias feministas quanto as teorias *queer* têm questionado o conceito de “mulher” enquanto uma construção social. E, embora o tema “aberração” tenha tido destaque e tenha sido uma característica dominante nos relatos das mulheres e de sua autopercepção, as pesquisadoras frisam que as mulheres com SOP, assim como mulheres em geral, questionam o conceito de feminilidade “normal”. Kitzinger e Willmott resistem em aceitar a noção, construída socialmente, de que mulheres “normais” são aquelas sem pelo, com ciclo menstrual regular, representadas nas publicidades e na fantasia masculina (Kitzinger; Willmott, 2002, p. 358-359).

É importante destacar a maneira como os procedimentos éticos são apresentados. Além dos cuidados equivalentes aos que foram realizados na pesquisa de Frith e Gleeson (2004), ao informarem às participantes sobre o conteúdo da pesquisa antes da decisão delas sobre participarem ou não, o resultado do estudo foi apresentado ao grupo, tendo sido recebido com entusiasmo. As autoras também informam que a pesquisa foi aprovada pelo Departamento de Ciências Sociais de Loughborough, que segue o código ético da Sociedade Britânica de Psicologia.

A pesquisa de Merran Toerien e Sue Wilkinson (2004) sobre o significado do hábito de se depilar

O argumento de Toerien e Wilkinson (2004) é que a depilação é uma norma nas culturas ocidentais, e que pouco se sabe sobre o seu surgimento e manutenção. O estudo oferece 2 (duas) explicações possíveis para essa prática. A primeira delas é que existe a construção social de pelos como um aspecto negativo e a ausência de pelos como algo positivo, o que torna a opção

VARIA

por se depilar ou não como algo que tem pesos distintos. A segunda explicação está ligada a certas “sanções” sociais às quais estão submetidas mulheres que decidem não se depilar (Toerien; Wilkinson, 2004, p. 64).

Antes de apresentar a análise dos dados, as autoras trazem vários estudos que apontam para a ideia de que a depilação é uma norma estabelecida na nossa sociedade. No entanto, elas questionam a ausência de estudos que busquem explicar tal norma. Para elucidar essa questão, Toerien e Wilkinson (2004) elaboraram um questionário, desenvolvido após uma extensiva revisão bibliográfica e um estudo piloto com 3 (três) participantes.

Sendo algo incomum para uma pesquisa qualitativa, nesse estudo se utilizou o *survey*, com perguntas abertas, realizado com uma amostra grande e diversa de mulheres – (678 (seiscentas e setenta e oito) respostas, entre 16 (dezesseis) e 70 (setenta) anos, sendo quase a metade delas estudantes, e as outras, trabalhadoras, no Reino Unido. A escolha dos procedimentos e do tipo de perguntas realizado é explicada em detalhes, demonstrando-se a pertinência de cada etapa da coleta. O questionário, composto por 9 (nove) questões, predominantemente discursivas, procurava conhecer as experiências das mulheres com seus pelos, a sua remoção e a reação de terceiros aos pelos ou falta deles. Desta forma, evitou-se que as respondentes escolhessem respostas a partir de uma lista pré-determinada, possibilitando-se que as mulheres se expressassem com as suas próprias palavras. Segundo o que Toerien e Wilkinson (2004, p. 71) explicam, um dos motivos para a escolha do *survey* deve-se ao fato de este procedimento metodológico permitir um maior número de respostas, evidenciando os pontos em comum em um grande quantitativo de mulheres. As autoras argumentam que, nesse tipo de coleta, as participantes não teriam contato com as pesquisadoras ou outras entrevistadas, como ocorre em entrevistas semiestruturadas ou grupos focais. Por isso, a repetição de determinados termos possibilitou detectar uma visão culturalmente compartilhada a respeito do significado da depilação. Assim, ao encontrar, nas respostas, termos similares para descrever sentimentos, foi possível trazer evidências sobre quais desses sentimentos eram culturalmente compartilhados. A análise dos dados não foi feita de modo estatístico, mas usando-se procedimentos qualitativos, neste caso, a AT, embasados teoricamente em uma perspectiva feminista.

As participantes foram contatadas por correio convencional ou em questionários entregues em palestras ou em centros de atendimento às mulheres. Quando não foi possível a entrega da resposta imediata, foram providenciados envelopes selados para as participantes.

Ao contrário de outros estudos realizados, e indicados pelas autoras, Toerien e Wilkinson (2004, p. 71) não procuraram perguntar às mulheres os motivos de elas se depilarem

VARIA

ou não. As perguntas foram elaboradas de forma a tentar captar as reações de outras pessoas a partir de suas escolhas sobre se depilar ou não. Uma parte do questionário era de perguntas a serem respondidas por escrito, e outra, apenas para marcar sim ou não, e depois explicar os motivos da escolha. Na primeira parte do questionário, as participantes foram orientadas a escreverem respostas para cada uma das seguintes questões:

- Se você DEPILA seus pelos, em sua opinião, qual é a MELHOR parte de se depilar?
- Se você NÃO DEPILA os seus pelos, em sua opinião, qual é a MELHOR parte em não se depilar?
- Se você DEPILA os seus pelos, em sua opinião, qual é a PIOR parte em se depilar?
- Se você NÃO DEPILA os seus pelos, em sua opinião, qual é a PIOR parte em não se depilar?
- O que faria você mudar de ideia sobre seus hábitos de depilação? (TOERIEN; WILKINSON, 2004, p. 72, tradução nossa, maiúsculas no original)¹⁰.

Na segunda parte do questionário, as participantes foram orientadas a marcarem sim ou não e explicarem suas respostas:

- Você já teve reações NEGATIVAS de outras pessoas com seus pelos e/ou falta deles?
- Você já teve reações POSITIVAS de outras pessoas com seus pelos e/ou falta deles?
- Alguém já sugeriu que você DEVERIA se depilar?
- Alguém já sugeriu que você NÃO DEVERIA se depilar? (TOERIEN; WILKINSON, 2004, p. 72, tradução nossa, maiúsculas no original)¹¹.

A fim de identificar as semelhanças nos dados do estudo inteiro, a análise se deu de maneira transversal por todas as questões, ao invés das questões serem analisadas individualmente. Os temas foram construídos de forma indutiva, ou seja, sem ter uma teoria *a priori*, mas trabalhados a partir das respostas. As repetidas leituras das respostas e categorização dos dados tornaram possível derivar os temas dos dados, que foram refinados por mais rodadas

¹⁰ Do original em inglês: “If you DO remove your body hair, what, for you, are the BEST things about doing so? If you DO NOT remove your body hair, what, for you, are the BEST things about not doing so? If you DO remove your body hair, what, for you, are the WORST things about doing so? If you DO NOT remove your body hair, what, for you, are the WORST things about not doing so? What would make you change your current practices to do with your body hair?”.

¹¹ Do original em inglês: “Have you had any NEGATIVE reactions from other people to your body hair/and / or your lack of body hair? Have you had any POSITIVE reactions from other people to your body hair and/or your lack of body hair? Has anyone ever suggested that you SHOULD remove your body hair? Has anyone ever suggested that you SHOULD NOT remove your body hair?”.

VARIA

de leituras, investigando padrões e exemplos anômalos. Para cada tema, elas procuraram agrupar as citações que o exemplificassem, bem como o número de vezes em que o tema surgiu nas respostas das participantes. Mesmo admitindo que o número de vezes em que o tema surge não signifique a sua importância, esse valor obtido pode indicar a dimensão em que determinado constructo é compartilhado. Quando da exemplificação de algum tema, percebe-se que as autoras enumeraram todos os questionários obtidos, como, por exemplo, na citação de uma das respostas da participante 113: “Quando faço minhas sobrancelhas, as pessoas comentam que elas estão mais bonitas (P113)”¹² (Toerien; Wilkinson, 2004, p. 74, tradução nossa).

As pesquisadoras organizaram os temas dominantes, lapidados na análise e inseridos em uma estrutura composta por 2 (dois) pilares principais: a construção social da norma da depilação e o cumprimento da normativa depilatória. A denominação escolhida pelas autoras nos parece confusa, pois teria sido mais claro denominar 2 (dois) temas principais, sendo cada um dividido em subtemas. No entanto, elas preferiram nomear como estruturas¹³.

Sob o primeiro aspecto, a construção social da norma da depilação, foram agrupados 4 (quatro) temas: atratividade; suavidade; higiene e capricho; e feminilidade.

Por exemplo, dentro do tema “atratividade”, foram incluídas todas as respostas que podiam ser consideradas similares e que mencionavam algo relacionado à aparência ou a se sentir bonita: pela aparência (28 participantes), pela estética (6 participantes), parecer bem¹⁴ (9 participantes), parecer bonita¹⁵ (12 participantes) ou parecer melhor¹⁶ (78 participantes) etc.

Respostas muito enfáticas também foram trazidas, como, por exemplo, “eu odeio o aspecto de minhas pernas ou axilas peludas (P366, ênfase dada pela participante)” (Toerien; Wilkinson, 2004, p. 74, tradução nossa)¹⁷.

Para cada um dos 4 (quatro) temas, foram trazidos exemplos e mostrados os termos que surgiram. Esses 4 (quatro) temas apresentaram um sistema que, resumidamente:

[...] constrói pelos depilados e pelos não depilados como estados corporais contrastantes: a mulher depilada é atraente, macia, limpa e arrumada; a mulher não depilada é feia, áspera, suja e desarrumada. Claramente, as opções entre ‘se depilar ou não’ não carregam o mesmo peso simbólico; construído como dicotômico, os pelos ou a ausência deles são valorizados de forma contrastante, com a depilação sendo esmagadoramente compreendida em

¹² Do original em inglês: “When I pluck my eyebrows, people have stated that they look better.”.

¹³ O termo usado é “over-arching framework”.

¹⁴ No original, em inglês: “look good”.

¹⁵ No original, em inglês: “look nice”.

¹⁶ No original, em inglês: “look better”.

¹⁷ Do original em inglês: “[I] hate the look of hairy legs/armpits’ (P366, emphasis added)”.

VARIA

termos positivos, e os pelos, como negativos. (Toerien; Wilkinson, 2004, p. 80, tradução nossa)¹⁸.

A análise prossegue, trazendo o segundo pilar: cumprimento da normativa depilatória, apresentando como essa norma é “forçada” em interações sociais do dia a dia. A partir desse pilar, foram descritos 4 (quatro) temas que as autoras veem como sanções impostas socialmente contra a mulher não depilada: “1) sugestões, injunções e pressões; 2) reclamações, críticas e comentários; 3) piadas, provocações e apelidos; 4) olhares, “encarações” e observações [exageradas].” (Toerien; Wilkinson, 2004, 80, tradução nossa)¹⁹.

No tema “sugestões, injunções e pressões”, foram agrupadas todas as respostas nas quais foi sugerido às mulheres que elas deveriam se depilar, mostrando aqui que a sanção imposta é que, caso a mulher não esteja seguindo o recomendado, esforços devem ser feitos para que ela reconsidere seu comportamento.

No tema “reclamações, críticas e comentários”, ao contrário das sugestões sutis do tema anterior, as falas eram mais agressivas, podendo haver comentários, dizendo que os pelos eram nojentos ou repulsivos (Toerien; Wilkinson, 2004, p. 82).

As autoras também enxergam como uma forma de sanção os comentários inseridos no tema “piadas, provocações e apelidos”, bem como no quarto tema desse conjunto, no qual foram incluídas todas as formas de críticas não verbais e apresentadas em termos de olhares significativos que indicavam repreensão. Um exemplo da análise transversal que as autoras fizeram de seu questionário mostra que, em uma das respostas descritivas sobre o que a participante considerava positivo por se depilar, surge um comentário que foi inserido neste último tema: “poder colocar uma roupa de banho sem me sentir como uma aberração ou ter pessoas me encarando (P191)” (Toerien; Wilkinson, 2004, p. 85, tradução nossa)²⁰.

Os resultados são apresentados sob uma perspectiva feminista, que compreende que a norma da depilação é uma construção que requer produção e manutenção social (Toerien; Wilkinson, 2004, p. 79). A partir dos dados obtidos, Toerien e Wilkinson (2004) concluem que a depilação não deve ser vista como uma escolha individual, mas uma prática que se configura como conformação a uma poderosa norma social que reforça, junto às mulheres, o que elas

¹⁸ Do original, em inglês: “[...] construct hairlessness and hairiness as contrastive bodily states: the depilated woman is attractive, smooth, clean and tidy, and feminine; the hairy woman is unattractive, stubbly, unclean and untidy, and masculine. Clearly the options ‘to depilate or not to depilate’ do not carry equal symbolic weight; constructed as dichotomous, hairlessness and hairiness are also contrastively valued, with hairlessness overwhelmingly understood in positive terms, and hairiness in negative ones.”.

¹⁹ Do original em inglês: “1) suggestions, injunctions and pressure; 2) complaints, criticisms and comments; 3) jokes, teases and nicknames; 4) looks, stares and ‘noticings’.”.

²⁰ “‘To be able to wear a swimsuit without feeling a freak or having people stare at me’ (P191).”.

VARIA

devem fazer com seus corpos. Os resultados sugerem que uma mulher não depilada está sujeita a vários tipos de sanções que trabalham em conjunto para reforçar a norma depilatória. Por vezes, as injunções são mais explícitas; por outras, as reações (negativas) à presença de pelos na mulher são mais implícitas. Tais reações servem para policiar os desvios da norma, evidenciando que a depilação não é uma questão de escolha individual, mas uma questão de conformidade com a norma “depilatória” da sociedade.

As pesquisadoras concluem que os termos usados repetidamente por várias participantes demonstram evidências convincentes de um sistema de valores compartilhados que coloca a depilação enquanto norma. A perspectiva feminista permitiu uma leitura que percebe uma instância social que dirige o policiamento de corpos femininos para se adequarem dentro do ideal estreito de aceitabilidade social. Portanto, os dados obtidos fornecem bases para as críticas feministas, quando apontam para a ideia de controle patriarcal sobre os corpos femininos.

A Pesquisa de Ellis e Kitzinger (2002) sobre a diminuição da idade de consentimento para as atividades sexuais entre homens

Ellis e Kitzinger (2002) empreenderam uma pesquisa na Inglaterra para explorar, criticamente, os motivos usados pelos opositores da diminuição da idade de consentimento para as atividades sexuais entre homens nos debates mantidos durante a década de 1990. Nos termos legais, enquanto os heterossexuais podiam iniciar sua vida sexual aos 16 (dezesesseis) anos de idade, o sexo entre homens só era permitido na legislação a partir dos 18 (dezoito) anos. A idade só foi igualada em 1997, após intensos debates. O que as autoras procuraram demonstrar é que os argumentos utilizados para impedir essa modificação iam contra os princípios enunciados na Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH). Elas justificam a pesquisa, explicando que é importante conhecer os argumentos usados contra a diminuição da idade de consentimento, pois, analisando-se o discurso dos parlamentares e do público a respeito desse assunto, pode-se desenvolver estratégias que ajudem no avanço de políticas antidiscriminatórias e que protejam os direitos humanos de homossexuais.

Os dados analisados foram colhidos em publicações da imprensa oficial do Parlamento britânico, além de reportagens de vários jornais do período de 1994 a 1999. A partir da análise desse material, Ellis e Kitzinger (2002) organizaram os argumentos contrários às mudanças dentro de 5 (cinco) temas, sendo 3 (três) principais, que estavam ligados a argumentos que prevaleceram em detrimento da igualdade e da equidade de direitos, a saber: 1) princípios ligados a concepções daquilo que seria considerado certo ou errado; 2) princípios ligados à

VARIA

democracia; e 3) princípios condizentes com os cuidados e proteção dos jovens. Além desses 3 (três) temas principais, que foram considerados como sendo colocados à frente do que estabelece a DUDH, 2 (dois) outros temas também foram catalogados: os riscos à saúde que poderiam ser causados pelas relações sexuais anais e o perigo de que a diminuição da idade de consentimento pudesse abrir caminho para a escalada das demandas dos *gays* por mais direitos.

Tomando como ponto de partida a DUDH, que estabelece nos seus primeiro e segundo artigos a igualdade de direitos entre os seres humanos, sem distinção “seja de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição” (Organização das Nações Unidas, 1948) as autoras argumentam que dentro dos direitos inalienáveis dos seres humanos estão compreendidos, em primeiro lugar, o direito à vida e, em segundo, o direito de manter a qualidade dessa vida, ou seja, direitos civis, sociais e econômicos, independentemente da sua classe social, raça, orientação sexual e capacidades.

Para as autoras, é importante averiguar como, apesar da ampla aceitação da Declaração, foram construídos argumentos para sustentar a desigualdade e a discriminação. Com relação à análise dos dados, Ellis e Kitzinger (2002) explicitam não estarem interessadas em desmentir ou contestar os argumentos usados, mas compreender a natureza retórica deles. Os dados foram organizados em seções nas quais eram inseridos os temas recorrentes. De forma similar à análise de Toerien e Wilkinson (2004), Ellis e Kitzinger (2002) explicitam que deixaram os dados sugerirem os nomes dos temas e usaram citações diretas que ilustrassem o tipo de dado classificado dentro de cada tema. Para as autoras, esse tipo de análise tanto pode ser considerado “temática” quanto uma forma de “análise discursiva” (Ellis; Kitzinger, 2002, p. 9). As autoras indicam que as referências totais aos dados extraídos podem ser obtidas sob demanda. Este é um cuidado que consideramos pertinente: deixar disponível os dados para que outros pesquisadores possam conferir.

No primeiro tema, ligado a argumentos sobre o que é certo ou errado, Ellis e Kitzinger (2002) justificam que não pode haver equidade em justificativas que consideraram normalidade e anormalidade, proibidade moral e pecado. Elas trazem frases (com os autores nomeados), nas quais as pessoas declaravam “não pode haver igualdade entre relações sexuais dos homossexuais e dos heterossexuais” (Ellis; Kitzinger, 2002, p. 11, tradução nossa)²¹.

No segundo tema, estão contidas as frases que usam a democracia como argumento para justificar a desigualdade. Dentro dessa categoria, foram trazidos argumentos supostamente

²¹ “there is no equality between homosexual and heterosexual intercourse.”

VARIA

estatísticos para fazer afirmações não comprovadas, tais como “pelo menos 80% da população é contra a legalização do sexo *gay* entre os jovens de 16 anos” (Ellis; Kitzinger, 2002, p. 13, tradução nossa)²².

O terceiro tema reuniu as frases que advogavam sobre a necessidade de cuidado e proteção, com exemplos que demonstravam que os jovens adolescentes devem ser protegidos pela sociedade, sendo que os homens homossexuais mais velhos eram representados como predadores. Para alguns, diminuir a idade de consentimento sexual entre os homens poderia levar os jovens “a serem induzidos ou forçados em fazer algo que eles não querem” (Ellis; Kitzinger, 2002, p. 14, tradução nossa)²³. Dentro desse tema, também estão contidas as frases de parlamentares que alegam que os rapazes são mais imaturos do que as moças nessa idade e que merecem mais proteção. Segundo o que Ellis e Kitzinger (2002, p. 15) consideram, esses argumentos têm uma retórica persuasiva, por fazerem crer que todos os jovens estão em real perigo de serem corrompidos.

No quarto tema, estão os argumentos que invocam as questões de saúde, no qual estão contidas as frases que mencionam doenças venéreas e a promiscuidade entre homossexuais. Segundo o que as autoras apresentam, a retórica de que as práticas homossexuais não são saudáveis e que são responsáveis pela disseminação de doenças é usada para excluir *gays* e lésbicas dos seus direitos humanos, assim como os judeus foram acusados de serem portadores de tuberculose e, portanto, uma ameaça à sociedade.

Finalmente, no último tema, estão contidos os argumentos que afirmam que, ao se aceitar a redução da idade de consentimento para as relações sexuais entre homens, seriam abertas as portas para pedidos de mais ampliações dos direitos de *gays* e lésbicas, como o de casamento e de adoção de filhos, por exemplo.

A demonstração de cada tema sempre é seguida de uma análise sobre os pontos de vista apresentados, demonstrando como aqueles argumentos infringiam o princípio da igualdade entre os seres humanos. Ao final, as autoras fazem uma seção, comentando que, juntos, tais argumentos constituem uma estratégia coerente e eficaz para se opor à equidade, e trazem alguns exemplos de contra-argumentos para as afirmações feitas, entre eles até o de que as moças (heterossexuais) também poderiam ser sexualmente abusadas, mas ninguém pensava em subir a idade de consentimento para elas.

²² “at least 80 per cent of the population is against legalizing gay sex for 16 year-olds.”

²³ “being led or forced to doing something they do not want to do.”

Considerações finais

As pesquisas aqui comentadas são anteriores ao texto de Braun e Clarke (2006a) e, portanto, não poderiam seguir estritamente a proposta dessas autoras. No entanto, foram mencionadas no texto delas como exemplos de qualidade na condução da análise e estruturação dos temas, motivo pelo qual foram escolhidas para serem comentadas neste artigo. A diversidade de modos de coletar e analisar os dados e filosofias subjacentes aos estudos pode ajudar pesquisadores de outras áreas a pensarem nas suas próprias táticas. Em termos de coletas, foram usados formulários, a serem preenchidos por escrito (Frith; Gleeson, 2004); entrevistas individuais (Kitzinger; Willmont, 2002); aplicação de questionário por meio de *survey*, enviado pelo correio convencional (Toerien; Wilkinson, 2004) e análise de textos encontrados em jornais ou na imprensa oficial do Parlamento britânico (Ellis; Kitzinger, 2002). Em termos epistemológicos, apenas na pesquisa de Toerien e Wilkinson (2004) sobre a depilação é assumida a escolha pela perspectiva feminista, embora nas outras, pela própria escolha do tema, seja possível delimitar as posições ontológicas dos pesquisadores.

Em todas as formas de coleta que envolveram seres humanos, foram explicitados os cuidados éticos. As pesquisas também têm em comum o fato de nelas se descrever em detalhes como os procedimentos foram realizados, os motivos pela escolha das coletas específicas, bem como a explicitação dos critérios de análise. Os excertos, retirados dos dados para ilustrarem a análise, sempre foram trazidos e comentados, tendo como base outras pesquisas ou teorizações que balizassem a análise realizada. Outro ponto comum é o cuidado em apresentar a literatura da área, deixando-se claro o ponto em que cada pesquisa avançava em relação às pesquisas anteriores. Braun e Clarke (2021?) argumentam que a AT pode ser ensinada muito cedo na trajetória do pesquisador qualitativo e, para a condução da AT, é necessário reconhecer as muitas camadas de reflexão conceitual por trás de todas as práticas de pesquisa respeitáveis. Embora todos esses cuidados mencionados sejam obrigatórios em qualquer tipo de estudo, apenas frisamos neste artigo as condutas realizadas para evidenciar que a AT, apesar de ser uma ferramenta flexível, por não estar atrelada a uma epistemologia própria, deve seguir os padrões considerados adequados para qualquer pesquisa qualitativa.

Referências

- BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. 3 reimp. São Paulo: Edições 70. 2016.
- BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, p. 77-101, 2006a. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/235356393_Using_thematic_analysis_in_psychology. Acesso em: 19 set. 2023.
- BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. Tradução de Luiz Fernando Mackedanz. *Qualitative Research in Psychology*, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006b. Disponível em: https://www.academia.edu/29999208/Tradu%C3%A7%C3%A3o_do_artigo_Using_thematic_analysis_in_psychology_. Acesso em: 10 ago 2023.
- BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Conceptual and design thinking for thematic analysis. *Qualitative Psychology*, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1037/qup0000196>. Disponível em: <https://uwe-repository.worktribe.com/output/7164974/conceptual-and-design-thinking-for-thematic-analysis>. Acesso em: 16 maio 2023.
- CLARKE, Victoria. What is thematic analysis? [Lecture/Palestra]. University the West of England, Bristol, UK, 9 dez. 2017. 1:01:37. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4voVhTiVydc>. Acesso em: 19 ago. 2023.
- CLARKE, Victoria. Thematic analysis: an introduction. [Lecture/Palestra]. University of the West of England, 25 jun. 2018. 01:02:19. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5zFcC10vOVY>. Acesso em: 19 ago. 2023.
- CLARKE, Victoria; BRAUN, Virginia. Using thematic analysis in counselling and psychotherapy research: A critical reflection. *Counselling and Psychotherapy Research*, v. 18, n. 2, p. 107-110, jun. 2018.
- ELLIS, Sonja J.; KITZINGER, Celia. Denying equality: an analysis of arguments against of lowering the age of consent for sex between men. *Journal of Community and Applied Social Psychology*, v. 12, n. 3, p. 167-180, 2002. DOI: <https://doi.org/10.1002/casp.670>.
- FRITH, Hannah; GLEESON, Kate. Clothing and Embodiment: Men Managing Body Image and Appearance. *Psychology of Men; Masculinity*, v. 5, n. 1, p. 40-48, 2004. DOI: 10.1037/1524-9220.5.1.40.
- KITZINGER, Celia; WILLMOTT, Jo. 'The thief of womanhood': women's experience of polycystic ovarian syndrome. *Social Science; Medicine*, 54, p. 349-361, 2002. DOI: [https://doi.org/10.1016/S0277-9536\(01\)00034-X](https://doi.org/10.1016/S0277-9536(01)00034-X).
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Declaração Universal dos Direitos Humanos. [Adotada e proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas (resolução 217 A III) em 10 de dezembro 1948.]. ONU, Nova Iorque, 1948. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>. Acesso em: 19 out. 2023.
- ROSA, Liane Serra da; MACKEDANZ, Luiz Fernando. A análise temática como metodologia na pesquisa qualitativa na educação em ciências. *Revista Atos de Pesquisa em Educação*, v. 16, e8574, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.7867/1809-0354202116e8574>. Acesso em: 7 jun. 2023.
- SOUZA, Luciana. K. Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 71, n. 2, p. 51-67, 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract;pid=S1809-52672019000200005;lng=en;nrm=iso;tlng=pt. Acesso em: 27 set. 2023.
- TOERIEN, Merran; WILKINSON, Sue. Exploring the depilation norm: a qualitative questionnaire study of women's body hair removal. *Qualitative Research in Psychology*, v. 1, n. 1, p. 69-92, 2004. DOI: <http://dx.doi.org/10.1191/1478088704qp0060a>.